INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA

CAMPUS SÃO JOSÉ

ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM ÊNFASE NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

MARIANA OVÍDIA PRATTS

O ESPAÇO RELAXA AÍ: EDUCAÇÃO AMBIENTAL E INTERAÇÃO ENTRE A COMUNIDADE EDUCATIVA DO IFSC-SJ

SÃO JOSÉ

2019

O ESPAÇO RELAXA AÍ: EDUCAÇÃO AMBIENTAL E INTERAÇÃO NAS RELAÇÕES SOCIAIS ENTRE OS ESTUDANTES DO IFSC-SJ

Mariana Ovídia Pratts[1]
Paula Alves de Aguiar[2]

RESUMO:
No primeiro semestre de 2018, a segunda turma de especialização em Educação Ambiental com ênfase na formação de professores do IFSC - São José, desenvolveu um projeto criativo ecoformador (PCE), juntamente com estudantes e professores do campus. O objetivo do projeto foi construir um espaço de integração a partir do reaproveitamento de resíduos sólidos. Este artigo apresenta os resultados deste projeto, com o objetivo de conhecer as relações estabelecidas neste local e a forma como os sujeitos do IFSC-SJ passaram a utilizá-lo após sua construção. Discute-se também quais os benefícios que o espaço trouxe ao campus, os diferentes olhares para ele e a forma como é utilizado e constantemente reconstruído, tendo em vista que o espaço está em movimento, uma vez que é coletivo e reelaborado a partir das interações que nele ocorrem. Para a coleta de dados optou-se por pesquisa qualitativa, caracterizada como do tipo etnográfica. Os instrumentos para a coleta de dados foram: observação participante, registros em diário de campo, análise documental do projeto, atividades envolvendo os estudantes a partir da participação em projeto de extensão e registro das interações vivenciadas. A análise dos dados baseou-se em autores como: Reigota (2004, 2012), Brugger (2004), para discutir o conceito de educação ambiental crítica, Zwierewicz (2011) para apresentar a metodologia dos projetos criativos ecoformadores e Victor Paro (2002) para debater os conceitos de gestão democrática do ensino. Além disso, foram apresentados os dados do projeto, suas etapas, como foi construído junto à comunidade educativa do campus e o projeto de extensão, desenvolvido após a construção do espaço, o qual buscava a consolidação do espaço. Discorreu-se sobre os dados obtidos nas observações e intervenções feitas no Relaxa Aí, trazendo diferentes olhares, possibilidades e também os desafios enfrentados para sua consolidação como espaço coletivo, educativo e de pertencimento. Como resultados da investigação, percebeu-se que o espaço construído contribuiu para o sentimento de pertencimento dos estudantes que o utilizam e influenciou na construção de práticas de educação ambiental transformadora.

PALAVRAS-CHAVE: educação ambiental; projetos criativos ecoformadores; pertencimento; identidade; gestão democrática.

[1]Estudante da segunda turma de especialização em educação ambiental com ênfase na formação de professores (2018.1)
[2] Professora Orientadora

Introdução

O presente artigo discute temáticas levantadas a partir das observações e construção de um espaço integrador, interdisciplinar e construtor de vivências, afetos e pertencimentos, criado por meio de um Projeto Criativo Ecoformador (PCE). A partir do meu olhar como estudante da segunda turma do Curso de Especialização em Educação Ambiental com ênfase em formação de professores, a pesquisa relaciona-se às experiências de um sujeito atuante em seu campo de pesquisa(ANDRÉ, 1995), pois além de pesquisadora também componho o grupo de estudantes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina - Campus São José (IFSC-SJ). No entanto, para iniciarmos esse artigo é necessário contextualizar o leitor e relatar brevemente como a pesquisa originou-se.

De acordo com seu site oficial[3], o IFSC-SJ, possui quase 30 anos de existência e cerca de 1,9 mil estudantes matriculados em cursos de nível médio técnico, superior e especialização na modalidade presencial, além de cursos de curto prazo oferecidos na modalidade á distancia (EaD). Possui laboratórios equipados para atender os alunos, possibilitando aulas práticas para uma educação de qualidade, salas de aula, cantina, auditórios, laboratório de informática, quadra de esportes, academia, dentre outros espaços que oferecem estrutura para que os alunos possam desenvolver seus estudos.

Durante o primeiro semestre de 2018, os estudantes do curso de Especialização em Educação Ambiental com ênfase em formação de professores do IFSC-SJ desenvolveram um Projeto Criativo Ecoformador (PCE) denominado "PCE: pertencimento, identidade e os resíduos sólidos no IFSC campus São José", nas disciplinas de Práticas Educativas em Educação Ambiental e Currículo e Educação Ambiental. As disciplinas foram ministradas de forma conjunta durante um semestre no período vespertino pelos(as) professores(as) Paula Alves de Aguiar, Franciele Drews de Souza, Giselia Antunes Pereira e Talles Viana Demos. Como trabalho final das disciplinas foi proposto que desenvolvêssemos coletivamente um PCE.

Os PCEs utilizam-se da diversidade dos sujeitos pertencentes ao projeto como forma de enriquecer as relações humanas (ZWIEREWICZ, 2011). Sendo assim, os trabalhos desenvolvidos pelos educandos da Especialização tiveram como uma das

[3]https://www.ifsc.edu.br/web/campus-sao-jose/inicio

finalidades contribuir para a construção do sentimento de pertencimento dos sujeitos do IFSC-SJ, sendo necessário que ele fosse desenvolvido com base na solidariedade, coletividade, participação e compartilhamento de ideias e ações, numa perspectiva de educação ambiental transformadora(LOUREIRO, 2003).Afinal, a necessidade do espaço surgiu dos próprios estudantes dos cursos técnicos integrados que se manifestaram por meio dos questionários distribuídos por e-mail durante o processo de construção do projeto.

O objetivo do projeto "PCE: pertencimento, identidade e os resíduos sólidos no IFSC campus São José" era, a partir do reaproveitamento de resíduos sólidos presentes no campus, construir um espaço integrador com a participação de estudantes a fim de fortalecer o sentimento de pertencimento, respeitando a identidade de cada sujeito. Para chegar ao objetivo, nós[4], estudantes do curso de Especialização, traçamos diversas estratégias como: divulgar o projeto nas salas de aula e espalhar convites pelo campus, promover encontros com os sujeitos para discutir as necessidades do campus para o espaço e arrecadar resíduos sólidos que seriam descartados para compor o espaço.

Com o projeto idealizado, redigido e finalizado, organizamos um evento para sensibilizar o olhar dos estudantes que participariam das atividades. Desse encontro gerido pelos educandos da pós foram apresentadas, aos estudantes e professores presentes no evento, possibilidades que elegemos como necessárias e possíveis no espaço, além de discutir em grupo com eles quais eram suas necessidades no campus. Esse momento é denominado epítome na metodologia de PCEs, ou seja, o momento de encantar os sujeitos a participarem do projeto proposto (ZWIEREWICZ, 2011). Ouvidas as demandas, foram feitos os ajustes ao PCE, redirecionamento de algumas ações e do cronograma. No encontro seguinte oferecemos uma oficina de pufs e uma maquete virtual com as sugestões dos alunos que considerávamos possíveis de executar a partir do reaproveitamento dos resíduos.

Após esses momentos iniciais partimos para a construção de objetos para compor o espaço. Forramos colchões, lixamos palletes, fizemos capas de almofadas, construímos uma estante, além de arrecadarmos diversos objetos que trariam vida ao espaço como plantas, livros, revistas, jogos e lençóis. Todas essas atividades foram desenvolvidas

[4] Nesse texto, considerando a participação da autora no processo de geração dos dados, optamos por colocar em alguns momentos o trabalho na primeira pessoa do singular, quando se referia especificamente a atuação da pesquisadora no processo e na primeira pessoa do plural quando se referia a participação da pesquisadora e de sua turma no processo.

coletivamente com os estudantes do campus, de diferentes cursos (ensino médio integrado, licenciatura e especialização) que foram cativados a participar do projeto, desde o primeiro encontro.

Depois de algumas semanas finalmente chegou o grande dia, a inauguração. Um dia muito especial onde a comunidade educativa do campus foi convidada a compartilhar do novo espaço construído coletivamente. Esse dia também marcou a nomeação do espaço, sendo "Relaxa Aí" o mais votado.

Embora a situação do local e sua modificação tenham sido feitos de forma coletiva, a imagem que encontramos após o recesso escolar não foi das melhores. Iniciamos (estudantes da segunda turma da especialização) o segundo semestre felizes e empolgados para acompanhar como o espaço seria utilizado e encontramos um local descuidado, com lixos embaixo dos palletes, lençóis rasgados, almofadas jogadas e plantas morrendo. Essa cena nos chocou, teríamos feito algo de errado? Não afetamos os estudantes (maioria entre os que utilizam o espaço) como gostaríamos? Fiz diversos questionamentos, gerando uma angústia em procurar o motivo para tal cenário. O que poderíamos fazer para modificar essa situação?

A presente pesquisa narra, de forma qualitativa, um recorte do que foi feito nos meses seguintes ao retorno das férias, na tentativa de entender como o espaço estava sendo utilizado, afetar a comunidade educativa do IFSC-SJ e também os resultados obtidos após as ações realizadas.

É importante ressaltar que o conceito de "Afeto" aqui utilizado e ao longo de todo o artigo refere-se não apenas ao afeto amoroso, em que o toque e os sentimentos estão envolvidos. De acordo com Miranda (2007, p.300) "[...] afetar, tocar, contactar aquele que estava "sujeito a", produzindo uma mudança de estado. Assim, o afeto é uma emoção que logo avistamos, porque se materializa e, desta forma, se comunica, se avista". Afetar, então, vai além do contato físico, pois é expressado de formas "[...]tácteis, verbais, vocais, faciais, gestuais, entre outras" (MIRANDA, 2007, p.303). Como seres em constante interação social, somos educados a depender emocionalmente ao contato com o outro. Em diferentes etapas da vida construímos laços de amizade que nos dão segurança para seguirmos em frente. No entanto, as definições de contato, assim como afeto são múltiplas.

Levando em consideração a importância de diferentes espaços, para além da sala de aula, na aprendizagem dos estudantes, como locais de construção de afeto, considera-

se o espaço integrador como significativo no processo educativo dos alunos e, não apenas um local de convivência social, afinal ele localiza-se no interior de uma instituição de ensino (REIGOTA, 2012).

Por esse motivo, consideramos a presente pesquisa relevante, pois ela não pretende apenas relatar os fatos observados e vividos, mas salientar discussões sobre o espaço e temas relacionados, além de ter investigado a forma como o espaço Relaxa Aí tem sido utilizado e se realmente ele faz parte da cultura educativa do campus.

Optou-se, então, pela pesquisa qualitativa caracterizada como do tipo etnográfica. Embora a área pesquisada seja educação, utilizou-se uma metodologia de base antropológica utilizada na área educacional para análise do cotidiano e levantamento de dados qualitativos. Sabemos que a presença do pesquisador no ambiente escolar, como na pesquisa do tipo etnográficas em educação, tanto em um processo de observação participante ou de realização de intervenções, provoca necessariamente mudanças nesse espaço. Os instrumentos de pesquisa qualitativa não são neutros, evidenciam além da relação entre os sujeitos investigados, respostas a própria pesquisa e ao pesquisador, indícios que podem dar outras possibilidades de compreensão e fontes de informação (ANDRÉ, 1995).Para realizar essa investigação foram feitas 10 observações participantes em loco no período de outubro de 2018 a maio de 2019, utilizando os registros por meio de diários de campo. Foram desenvolvidas diversas atividades envolvendo os estudantes do campus por meio do projeto de extensão desenvolvido no espaço construído que também serviram de dados para a pesquisa, além da análise documental do PCE construído coletivamente pela segunda turma de especialização.

No período de 2018 a 2019.1, participamos e observamos o espaço construído e os sujeitos pertencentes a ele, além de seus movimentos com o objetivo de conhecer as relações estabelecidas e a forma como os sujeitos do IFSC-SJ utilizam o espaço interativo do Relaxa aí, buscando perceber como esse local faz parte da cultura educativa. Iniciamos 2018 com um IFSC e encerramos o ano com novos olhares e expectativas na continuidade do trabalho que estava sendo feito. No último semestre de 2018 a criação de um projeto de extensão[5] vinculado ao Relaxa Aí foi extremamente importante para o desenvolvimento dessa pesquisa, pois a partir dele, como bolsista, pude observar e obter dados relevantes, além das intervenções feitas a fim de melhorar a utilização que era feita

[5]Aprovado pelo edital 2018_PROEX 18 - APROEX 02_2 meses

do espaço. Para isso foram traçados os seguintes objetivos específicos: Observar de que forma o espaço do Relaxa aí estava sendo utilizado pós inauguração; investigar para quais finalidades os sujeitos utilizam esse espaço; mapear os estudantes do campus que o frequentava a fim de divulgar e perceber a utilização que as diferentes turmas faziam do espaço; identificar como os estudantes eram "afetados" com o espaço interativo e o significado que atribuem a ele.

Na primeira seção desse artigo apresentam-se conceitos relevantes para a pesquisa como: Projetos Criativos Ecoformadores, educação ambiental transformadora, identidade e pertencimento. Os conceitos foram baseados nos autores: Marcos Reigota (2004, 2012), Paula Brugger (2004), Marlene Zwerewicz (2011), Erenita Hoffmann (2019), Victor Paro (2002) e Paulo Freire (1987) além de outros autores que contribuíram para a apresentação desses conceitos, relacionando-os a pesquisa apresentada.

Na segunda parte apresentam-se as etapas do PCE desenvolvido pela segunda turma de especialização e o projeto de extensão executado no segundo semestre de 2018 que contribuíram para o melhoramento de um dos espaços disponíveis no campus. E na terceira parte faz-seuma análise das atividades desenvolvidas durante o ano de 2018 até meados de 2019, apresentando algumas modificações feitas no espaço e as contribuições dele para a construção do sentimento de pertencimento no IFSC-SJ.

Projetos Criativos Ecoformadores

No início do século XXI nasceu, em Barcelona, a ideia de uma metodologia que almejava ser inovadora, a qual, de forma resumida, propunha uma educação transdisciplinar com a participação de todos/as e incluindo todas as dimensões do meio ambiente, não apenas limitando-se a sala de aula ou instituição de ensino, mas extrapolando os portões da escola e exercitando o olhar sensível para o que há em volta e a diversidade que há entre os grupos de estudantes(ZWIEREWICZ, 2011).

Em 2009 Saturnino de La Torre e Marlene Zwierewicz lançaram a obra "Uma escola para o século XXI: Escolas Criativas e resiliência na educação", dando início a uma metodologia de projetos denominados Projetos Criativos Ecoformadores – PCEs. Na prática, essa proposta de ensino trouxe uma forma de organizar o ensino a partir de projetos, seguindo uma metodologia específica. Sobre essa metodologia Hoffmann destaca:

> A metodologia dos Projetos Criativos Ecoformadores (PCE) tem entre uma de suas prioridades o estímulo ao sentido de pertencimento. Por nascer em meio às emergências deste século para aproximar currículo e realidade e articular teoria e prática, mobilizando, conforme afirmam Torre e Zwierewicz (2009), uma educação a partir da vida e para a vida, envolvem a vivência individual ao mesmo tempo que favorecem a convivência. (HOFFMANN, 2019, p.32)

No caso do PCE em que se baseia este trabalho, os estudantes do curso de especialização do IFSC-SJ, desenvolveram coletivamente um projeto com base no propósito de criar um espaço de integração a partir do reaproveitamento de resíduos sólidos. A metodologia do projeto foi apresentada pelos(as) professores(as) das disciplinas, pois acreditavam na proposta de uma educação ecoformadora. Os PCEs, como metodologia, podem ser utilizados em todos os níveis da educação (desde a Educação Infantil até o Ensino Médio) e no Ensino Superior. A metodologia de PCE prevê alguns caminhos a se percorrer para configurá-la como tal. Essas ações são denominadas: epítome, legitimação teórica e pragmática, perguntas geradoras, metas, itinerários, coordenadas temporais, avaliação emergente e polinização (ZWIEREWCZ, 2011).

Os caminhos podem ser desenvolvidos de diferentes formas, porém necessitam seguir algumas orientações que Saturnino de la Torre e Marlene Zwierewicz apresentam em seu. A epítome configura-se como o marco inicial do projeto, em que os sujeitos são apresentados à temática e a curiosidade e possibilidades sobre o assunto são aguçadas. A legitimação teórica e pragmática apresenta a teoria, a história, discute os referenciais teóricos, apresenta a relevância do projeto para a comunidade e amplia possibilidades e experiências. As perguntas geradoras, metas, itinerários e coordenadas temporais traçam as ações desenvolvidas pelos próprios sujeitos, ativos no processo de aprendizagem. Na avaliação todo o processo é analisado, observando os avanços e possibilidades de mudança, sem classificação. Já a polinização "[...] é a difusão e fecundação do projeto em outros entornos. Ela permite dar continuidade e vida ao projeto matriz, de tal modo que as ideias e valores sigam ativos em outras escolas, pessoas [...]" (TORRE & ZWIEREWCZ, 2009, p.174).

Essa metodologia vai ao encontro da perspectiva de Educação Ambiental transformadora, em que o educando é visto em toda sua dimensão e participa ativamente do processo educativo superando as "[...]atividades fragmentadoras e alienantes e as compreensões de ambiente que dissociam as esferas da vida social e dicotomizam a condição humana de existência enquanto natureza" (LOUREIRO, 2003, p.55). Em nosso

projeto éramos autores e educandos, pois ao mesmo tempo em que buscávamos envolver os alunos em nossa proposta, aprendíamos com todo o processo mediado pelos(as) professores(as) da especialização.

Foi uma experiência enriquecedora poder aprender e ensinar ao mesmo tempo, afinal essa é a proposta de uma Educação Ambiental transformadora, onde o aprendizado é constante em todos os sujeitos envolvidos. Partimos da perspectiva que nossos alunos necessitam ver e sentir para que sejam afetados e motivados a buscar conhecimento a partir de suas próprias produções e ações.

Educação Ambiental, Identidade e Pertencimento

Discutir os conceitos de educação ambiental neste trabalho é relevante, afinal o ser humano em suas condições biológicas e sociais depende também do meio ambiente, pois dele é possível obter meios de sobrevivência e relação social com os demais seres humanos. De acordo com Reigota (2004, p.14), o meio ambiente caracteriza-se como lugar:

> [...] determinado ou percebido, onde os elementos naturais e sociais estão em relações dinâmicas e em interação. Essas relações implicam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e, sociais de transformação do meio natural e construído.

A partir dessa definição, considera-se que o IFSC-SJ é parte do meio em que aquelas pessoas convivem e também faz parte de uma cidade, um estado, um país, não é apenas uma construção física, isolada da sociedade, mas sim algo orgânico que passa a fazer parte dela.

Mais importante do que a consciência do conceito de meio ambiente, é a forma como ele é apresentado e trabalhado com os estudantes. Reigota (2012) defende que o meio ambiente não deve ser apresentado aos alunos como algo intocável e distante da realidade (como vemos em alguns livros didáticos), afinal o meio ambiente é todo aquele que permeia a relação entre os seres vivos, sejam eles seres humanos ou não. Por mais difícil que seja desconstruir o olhar, temos de aceitar que as grandes cidades, ou áreas industriais também estão incluídas no contexto de meio ambiente, ou seja, todo o contexto ambiental da qual os estudantes fazem parte. Mas, se todas as dimensões devem ser trabalhadas, o espaço do IFSC também é relevante, por fazer parte desse meio e ter sujeitos em interação. Partir do ponto em que se está, permite ao ser humano enxergar melhor as possibilidades de intervenção no meio ambiente, levando em consideração

todas as relações, numa visão de educação ambiental que perpassa os diferentes campos de conhecimento. Tendo sido estas as reais motivações que inspiraram a construção do PCE no âmbito das disciplinas do Curso de Especialização em Educação Ambiental do IFSC-SJ.

Seguindo a perspectiva de Reigota (2012), podemos perceber que o meio ambiente vai além do seu caráter biológico por conta de nossas construções sociais que constantemente modificam o meio. Por isso não há como pensar no ser humano sem considerar sua dimensão social, pois ele se desenvolve na interação com outros seres humanos. Segundo Paro (2002, p 15), baseado em uma perspectiva marxista, "[...] o homem só se realiza, só pode produzir sua materialidade, a partir do contato com os demais seres humanos, ou seja, a produção de sua existência não se dá diretamente, mas mediada pela divisão social do trabalho". Levando em consideração que o trabalho, defendido por Paro (2002), se dá como reflexo das necessidades do ser humano como um ser social e em constante interação.

Mas como se dá essa relação social? Por vezes permeada por imposições ou adestramento. De acordo com Brugger (2004, p. 85), o adestramento aproxima-se de um treinamento, "[...] um tipo de instrução onde as pessoas são levadas a executar determinadas funções e tarefas, identificadas com um padrão utilitário-racional de pensamento e ação que se restringe a um universo unidimensional". A autora explica que uma educação que exclui ou desvalida outros tipos de conhecimentos, que não se relacionam aos científicos, é uma das formas de uma educação adestradora. No entanto, uma educação ambiental transformadora necessita estar além deste caráter adestrador, dando a educação uma dimensão política e, com isso, democrática. De acordo com Paro (2002, p. 15):

> [...] na perspectiva da transformação social, visando a uma sociedade que supere a dominação humana, faz-se necessária a consideração de um conceito de política que dê conta da nova situação posta no horizonte. Dentro das amplas possibilidades abertas por uma noção ampla de política, destaca-se, no caso, já não mais o conceito de política como luta política, mas o de política como prática democrática. A democracia, todavia, precisa ser entendida para além de seu sentido etimológico de governo do povo ou governo da maioria, para incluir todos os mecanismos, procedimentos, esforços e recursos que se utilizam, em termos individuais e coletivos, para promover o entendimento e a convivência social pacífica e cooperativa entre sujeitos históricos.

Os seres humanos têm diferentes olhares sobre o mundo que os cerca, porém sua condição como seres humanos os assemelha. O fato de se constituírem no trabalho, ou

seja, na expressão de seus desejos, lhes tornam sujeitos participativos de um grupo ou classe social. No entanto, são coletivos e produtores de cultura, *"*[...] entendida esta como aquilo que o homem produz em termos de conhecimentos, crenças, valores, arte, ciência, tecnologia, tudo enfim que constitui o produzir-se histórico do homem" (PARO, 2002, p.16). É por meio da educação que essa cultura é apropriada pelo ser humano, porém a educação é formada por sujeitos numa relação dialógica entre professor/estudante, ou seja, uma educação que, segundo Freire (1987), é baseada no diálogo, exclui qualquer forma de opressão e inclui todos os sujeitos envolvidos nessa relação. Para Paro (2002, p.17) pode-se considerar a educação:

> [...] como intrinsecamente política numa dupla dimensão: por um lado, é por meio da educação, entendida como atualização histórico-cultural, que o homem se constrói em sua historicidade (historicidade esta que traz inclusa a dimensão política); por outro lado, a educação, fundada na aceitação do outro como legítimo sujeito, apresenta-se como a realização da convivência pacífica e cooperativa que nega a dominação e labora em favor da democracia.

É importante ressaltar que a educação, permeada pelas relações entre os sujeitos, necessita de um determinado tempo para efetivar-se, pois a relação entre diferentes sujeitos precisa ser construída até chegar numa relação democrática. A democracia não acontece por decreto ou por uma imposição prévia, mas é construída pelos sujeitos no processo de interação. Nesse sentido, a proposta educativa apresentada no projeto analisado neste texto buscou cativar os sujeitos para a construção de uma prática democrática, assim como defender a educação ambiental transformadora, defendida por Loureiro (2003), que permeia todas as atividades como concepção de educação ambiental. Na relação com os outros, como afirma Bianchetti (2002, p.4) pode-se detectar:

> [...] alguns estágios ou graus de proximidade/trocas: a) desconhecimento (o outro não existe); b) indiferença (existe, mas não me diz nada); c) (in)tolerância (está presente – física ou afetivamente – e me mobiliza); d) anti/sim-patia (está presente – física ou afetivamente – e me mobiliza); e) empatia (muda o foco: o decisivo é a forma como EU 'olho'!).

Nessa visão transdisciplinar de uma educação ambiental transformadora o estudante "[...] constrói e desenvolve progressivamente o seu conhecimento e o seu comportamento em relação ao tema junto com os colegas, as colegas, os professores, as professoras e seus familiares" (REIGOTA, 2012, p.67).

O PCE que resultou no espaço Relaxa Aí foi desenvolvido considerando a perspectiva ampla de política apresentada por Paro (2002), que a considera como uma

prática democrática e não como luta política, onde a atividade humano-social tem como propósito a convivência entre grupos e pessoas na constituição da própria existência em sociedade. A democracia na perspectiva adotada pelo PCE analisado neste texto, aconteceu quando o convencimento do outro foi compartilhado e os sujeitos em interação passaram a apropriarem-se desses conhecimentos, sem deixar de ser de quem o compartilhou. Foram práticas necessariamente dialógica e dialética (FREIRE, 1987). Dentro da perspectiva da gestão democrática, defende-se que quando os sujeitos elaboram a proposta, executam e avaliam o projeto e suas ações, o concebem como sendo deles também, gerando assim o sentimento de pertencimento.

O Espaço Relaxa Aí

De acordo com a descrição apresentada anteriormente, o espaço Relaxa Aí foi resultado de um PCE desenvolvido com estudantes e professores do IFSC-SJ. Após algumas discussões em sala decidimos fazer nossa intervenção no campus e o público inicial seriam jovens estudantes dos cursos técnicos integrados em Telecomunicações e Refrigeração e Ar condicionado. Planejamos quatro encontros para a intervenção no espaço, porém antes produzimos um cartaz e passamos nas salas para convidar esses estudantes a participarem do projeto. Quando chegávamos às salas perguntávamos quem teria interesse em participar da intervenção, porém, inicialmente não tivemos a quantidade de inscritos que esperávamos. Nossa intenção não era obrigá-los a participar e sim convidá-los, cativá-los e fazê-los perceber a importância de sua contribuição na construção de um espaço coletivo, para que efetivamente fosse democrático (PARO, 2002).

Tivemos em média quarenta interessados que nos deram seus nomes e e-mails para contato. A intenção de coletar os e-mails foi para que pudéssemos enviar um questionário aos estudantes dos cursos técnicos e saber um pouco sobre o conhecimento que tinham relacionado às questões ambientais que iríamos abordar, ou seja, de que ponto estávamos partindo.

Solicitamos à direção do IFSC-SJ a autorização para utilizarmos um dos espaços cobertos do campus. Nele já havia três mesas de concreto, cada uma com quatro bancos, também feitos em concreto. No entanto, era um espaço amplo que recebia visita constante dos estudantes do campus que aproveitavam a única tomada disponível para carregarem seus celulares e computares, além de estudarem e jogarem com os demais colegas.

Sentimos que ali poderíamos fazer mais e criar um ambiente acolhedor, onde quem passasse por ali sentisse vontade de ficar. Como o espaço foi autorizado para utilização provisória e necessitava de uma nova intervenção, acreditamos que seria o local adequado para a construção do espaço de integração.

O primeiro encontro foi no Hall de entrada do campus. Apresentamos algumas possibilidades feitas em outras instituições de espaços construídos a partir do reaproveitamento de resíduos sólidos (imagem 1). Após a apresentação nos dividimos em grupos e discutimos com os estudantes o que poderíamos fazer de melhoria no campus. Quais eram as necessidades dos estudantes quando permaneciam naquele ambiente? Essa atividade foi extremamente importante para decidirmos qual rumo poderíamos seguir. Esse primeiro encontro foi denominado, com base nas etapas da metodologia de PCEs, de epítome,

> [...] a estrutura conceitual que serve de âncora, de referencial temático, de espaço de interação teórico/prática. Como momento fundamental para criar o clima, o epítome passa a ser uma mescla entre a realidade e perspectivas de futuro, ajudando a projetar possibilidades. (ZWEREWICZ, 2011, p.103)

De acordo com Reigota (2012, p.40) "a escola, da creche aos cursos de pós-graduação, é um dos locais privilegiados para a realização da educação ambiental, desde que se dê oportunidade à criatividade, ao debate, à pesquisa e à participação de todos". Essa visão vai ao encontro da metodologia de projetos criativos ecoformadores, em que os estudantes são sujeitos do processo, pesquisam, participam, exercendo a cidadania dentro da escola. Assim pôde-se estabelecer uma relação entre os PCEs e a Educação Ambiental Transformadora. Não teríamos como construir um espaço de integração e pertencimento sem a participação de todos/as, afinal o espaço era para todos/as, pois compõe um espaço coletivo dentro do campus.

Imagem 1: Epítome do PCE onde retrata apresentação de possibilidades de mudanças e negociação das decisões.
Fonte: Acervo pessoal (2018)

O segundo encontro foi no laboratório de ciências humanas, onde proporcionamos uma oficina de pufs de pneus (Imagem 2) aos estudantes. O palestrante convidado é conhecido na região da Grande Florianópolis como “Nei da Comcap” ou “Neiciclagem”. Valdinei Marques é funcionário da prefeitura de Florianópolis e atua como coordenador do Museu do Lixo na Autarquia de Melhoramentos da Capital (Comcap), desenvolvendo um trabalho importante de conscientização e reutilização de materiais que seriam descartados. Nesse dia também apresentamos, aos presentes, uma proposta de configuração do espaço. Uma maquete virtual foi apresentada, dando visibilidade ao que poderia ser feito a partir das necessidades apresentadas no primeiro encontro.

Imagem 2: oficina de pufs com o Nei da Comcap
Fonte: Acervo pessoal (2018)

O terceiro e o quarto encontros serviram para que pudéssemos produzir junto com outros alunos envolvidos, na sala de cultura do campus, os objetos que iriam compor o espaço. Com caixas de feira fizemos uma estante (Imagem 4), os pneus viraram novos pufs (imagem 3) e os colchões os acentos dos bancos produzidos com pallets descartados, vale ressaltar que todo material utilizado na construção do espaço foi obtido por meio de doações e coletas no próprio campus, como uma estante que estava sem utilidade, pufs que seriam descartados e foram reformados pelos alunos do curso de licenciatura em química e pneus que também seriam descartados e viraram novos pufs. Após esse dia alguns alunos da especialização levaram os objetos para o espaço e no quinto encontro organizamos os objetos no lugar para a grande inauguração.

Imagem 3: confecção dos pufs
Fonte: acervo pessoal (2018)

Imagem 4: construção da estante
Fonte: acervo pessoal (2018)

O quinto encontro foi o momento de polinização do trabalho realizado, além de estudantes tivemos a presença de professores e funcionários do campus. O termo polinização está presente na metodologia de PCEs e faz parte do encerramento do projeto, uma finalização que tem como visão a criação de novas "sementes", dando início a novas ações, ou seja, cultivando novas plantas. De acordo com Zwierewicz (2011, p.107):

> em um processo ecoformador, a polinização não termina com a avaliação, mas é capaz de retroalimentar o processo e projetar-se no meio social e ambiental, dando vida e abrindo portas para novas possibilidades, inclusive para outros entornos. Por isso, podem ser organizados seminários, materiais didáticos, criadas poesias, canções, obras de arte, documentos a serem encaminhados a órgãos governamentais, responsáveis pelo meio ambiente, educação, saúde, economia, legislação, como uma carta ou tantas outras formas de expressar a produção criativa e ecoformadora.

Contamos com a presença da banda "Os mitocôndrias", formada por professores do IFSC-SJ que tornaram o ambiente agradável e acolhedor. Também contamos com a presença da TV IFSC[6] que registrou o evento e entrevistou alguns dos presentes. Oferecemos também pipoca e frutas aos participantes da inauguração. Após um período

[6]Link para acesso ao vídeo completo: https://www.youtube.com/watch?v=nYF0QL41l2o

de conversa e apresentação do espaço, pedimos para que os presentes escolhessem o nome mais adequado ao novo ambiente e, por meio de votação o nome escolhido foi “Relaxa Aí”.

Como a inauguração aconteceu no fim de junho, o período de recesso escolar estava próximo. Quando voltamos ao campus percebemos que o espaço tinha sido utilizado pelos estudantes, porém, como comentado anteriormente, não com o cuidado que esperávamos. Alguns objetos estavam fora do lugar e havia muito lixo espalhado pelo chão. Nossas aulas da pós eram apenas as sextas-feiras e a cada dia percebíamos que o espaço, por mais que estivesse sendo bem utilizado, não estava sendo cuidado. A preocupação não era apenas nossa, os professores e demais funcionários do campus também compartilhavam do mesmo sentimento. Tivemos medo de perder a utilização do espaço e ter de tirar todos os objetos que produzimos, voltando com a configuração inicial. Já estávamos tendo os primeiros indícios de que o espaço estava nós afetando enquanto grupo da pós, assim como a comunidade escolar.

Projeto de Extensão

O Relaxa Aí não é um espaço físico do campus e sim daqueles que o utilizam, a responsabilidade de limpeza e manutenção é da comunidade educativa e não do IFSC como instituição. Então precisávamos agir de forma que isso ficasse claro a todos/as que de alguma forma utilizassem o espaço. Foi então que as professoras Paula Alves de Aguiar e Franciele Drews resolveram criar um projeto de extensão para que o espaço tivesse ações de cuidado, além de

> fomentar ações de Educação Ambiental no IFSC-SJ e na EEB Francisco Tolentino, assumindo o espaço integrador “Relaxa aí” como um espaço com intencionalidade educativa para a construção de identidades socioambientais, problematização acerca da geração e descarte de resíduos sólidos, e troca de saberes e experiências. (Projeto de Extensão,2018, p.3)

O projeto se deu no segundo semestre de 2018 e contava com uma bolsa de extensão para estudantes do campus. As professoras responsáveis convidaram um dos alunos da especialização para assumir essa função. O grupo aceitou que eu fosse a bolsista responsável pelo espaço e, juntamente com as professoras, pensamos em estratégias para atingir os estudantes do campus, fazendo com que eles tivessem consciência de que o espaço, além de ser para todos/as era responsabilidade de todos/as que o utilizavam.

Demos início, então, às atividades do projeto. Como uma das observações era o lixo no Relaxa Aí, buscamos organizar o espaço uma vez por semana e limpar quando

fosse necessário. As plantas eram regadas e com parceria das funcionárias responsáveis pela limpeza, ganharam atenção especial nas terças-feiras, quando faziam a limpeza do espaço das mesas de concreto. Essas ações foram iniciais para que pudéssemos, novamente, cativar os estudantes do campus.

Além disso, sentimos necessidade de passar nas salas para conversar com os alunos e explicar um pouco sobre o Relaxa Aí, salientando a questão da responsabilidade e do comprometimento coletivo, buscando que esse espaço fosse efetivamente democrático, conforme a perspectiva de Paro (2002).A sistematização dos cursos e turmas foi feita a partir da criação de uma planilha com horários para passagem nas salas de aula, a fim de estabelecer contato com os estudantes do campus e conscientizá-los a utilizar o espaço corretamente, em cada turma convidamos voluntários para ajudarem na divulgação, conscientização e manutenção do Relaxa Aí. Com o nome, curso e telefone dos voluntários criou-se um grupo no aplicativo Whatsapp para facilitar a comunicação, poisos cursos são ministrados em diferentes horários e a disponibilidade dos alunos também era variada, o que dificultaria encontros presenciais.

O contato direto com os estudantes possibilitou enxergar que alguns destacavam-se e demonstravam interesse pelo projeto. Viam naquele espaço uma possibilidade de mudança na educação e nas relações sociais dentro do campus, além de ser um local em que buscavam sanar suas próprias necessidades como um colchão para descansar, mais acentos para grupos de estudo, livros, revistas, jogos, juntamente com as tomadas que agora eram quatro e não apenas uma como tínhamos relatado inicialmente.

Essas ações compunham, juntamente com o projeto de extensão, as práticas de pesquisa que originaram este trabalho e, possibilitando uma visão do que os alunos ainda queriam, como utilizavam o espaço e quais ações eram necessárias a partir dessa análise. Hoffmann afirma que

> Para pertencer, não basta, contudo, estar junto. É preciso partilhar da experiência do outro, vivenciando uma atitude recíproca de interioridade (PAIVA, 2000). Portanto, estar na escola junto aos demais não significa necessariamente sentir-se pertencente a uma comunidade/sociedade. (HOFFMANN, 2019, p.32)

Nosso intuito não era apenas criar um espaço integrador, mas que esse espaço fizesse parte da rotina dos estudantes e daqueles que estivessem dispostos a, de forma responsável, utilizar o espaço, refletir e agir sobre ele. O sentimento de pertencimento não é apenas presença, é sentir-se parte de onde se está, seja onde for, não é algo dado,

mas construído a partir das relações. É necessário salientar que as práticas educativas estão em constante movimento, pois os sujeitos em interação não são sempre os mesmos, demonstrando assim a necessidade de contínuos processos de educação ambiental relacionados ao espaço como esse que desenvolvemos e apresentamos a você nesse artigo (LOUREIRO, 2003; HOFFMANN, 2019)

Ao mesmo tempo em que o contato com os estudantes era feito, incluiu-se placas com algumas regras e mensagens de informação pelo espaço. Nas semanas seguintes a essas ações foi possível perceber que o Relaxa Aí estava mais limpo e organizado em comparação às semanas anteriores. Além disso, a movimentação do espaço com inclusão de novos objetos e a manutenção de outros também foi percebida. Como o espaço também comunica, obtinham-se indícios de transformações de atitudes, olhares, sentimentos e ações.

Os estudantes em foco

A partir da construção do Relaxa Aí iniciamos uma nova etapa de consolidação do espaço e conscientização dos que faziam uso dele. Por ser um espaço provisório corríamos o risco de perder a utilização do local caso a gestão do campus entendesse que ele não seria mais necessário ou que estava sendo utilizado de forma inadequada. Tendo o projeto de extensão como aliado nesse processo, traçamos algumas prioridades e metas de ação para as novas intervenções do espaço. Como dito antes, o Relaxa Aí, assim como as práticas educativas, está em constante mudança, sendo necessário contínuos processos de educação ambiental no local e no campus como um todo.

Desde o início dos trabalhos no Relaxa Aí, nossos olhares voltavam-se aos alunos do campus. Por mais que percebêssemos, e ainda percebemos, professores e demais funcionários utilizando o espaço, o público maior sempre foram os estudantes do campus. Afinal, esses são maioria no campus e os que demonstram mais interesse pelo espaço. Sendo assim, buscamos iniciar por ações que os envolvessem.

Em reunião do projeto de extensão achamos necessário passar em todas as salas que estivessem em aula naquele semestre (2018.2) para conversar com os estudantes do IFSC-SJ sobre a responsabilidade que tinham ao utilizar o Relaxa Aí. Esse espaço foi construído coletivamente pela comunidade educativa e não por iniciativa da gestão do campus ou da reitoria do IFSC. No entanto essa informação não estava clara para a maioria. Não percebiam que poderiam perder o espaço conquistado por conta do mau uso.

Em umas das observações feitas no espaço, durante o projeto de extensão, percebi que os estudantes do campus o utilizavam, mas não tinham o cuidado de arrumar os lençóis, colocar as almofadas e pufs no lugar e jogar o lixo que produziram em lugar adequado.

> Observando os que utilizavam o Relaxa Aí essa semana percebi que o utilizam por estar ali, num local de passagem, antes não muito confortável e com poucos assentos para a demanda e agora com pufs, bancos e colchões para que possam deitar, sentar, descansar, ler, estudar, conversar e até namorar. Não é perceptível se eles têm consciência do trabalho feito para que pudessem estar ali usufruindo do espaço, em outras palavras não foi possível perceber uma relação afetiva com o novo espaço. Uma cena que me chamou atenção foi quando dois estudantes utilizaram as almofadas para jogar um no outro, como uma brincadeira, até que em um determinado momento um deles falou que poderiam estragar as almofadas agindo dessa forma e o outro afirmou que ninguém iria ligar para uma almofada velha. (Diário de campo– Mariana– 09/11/2018)

No entanto esses alunos não possuíam dimensão do que estavam fazendo, pois nós nos importávamos com o espaço e eles, talvez de forma inconsciente, também, afinal uma das funcionárias responsável pela limpeza do campus relatou que em alguns momentos do dia os estudantes disputavam lugar nos palletes e pufs (imagens 5 e 6). Geralmente essas cenas aconteciam antes e após as aulas, pois alguns chegavam cedo e sentiam-se cansados, por isso o local mais disputado eram aqueles que ofereciam a possibilidade de deitar-se. Em diversos horários do dia também podíamos perceber um grande fluxo de pessoas e utilização do local, antes menos frequentado.

Imagem 5 e 6: Sofás e pufs do Relaxa Aí
Fonte: acervo pessoal (2018)

Ao longo do semestre o Relaxa Aí não era mais uma novidade, porém todos/as conheciam o espaço e quem estava ali de passagem se surpreendia com as possibilidades apresentadas. A ação de passar nas salas, que aconteceu no início de novembro, revelou muitos admiradores pelo espaço, alguns falavam com entusiasmo sobre ele e a iniciativa de modificá-lo. No entanto, quando fizemos o convite a candidatos para nos ajudar na conscientização e divulgação dos eventos para seus colegas, a aceitação não foi tão positiva. Muitos realmente não queriam se comprometer com o espaço de forma responsável.

A opção de participar como voluntários era espontânea, explicamos que seria apenas para servir de ponte na comunicação com os colegas de sala e também divulgar os eventos que aconteceriam no espaço, além de participarem, caso pudessem, de mutirões e modificações do Relaxa Aí. Felizmente conseguimos um voluntário da maior parte das turmas, com os dados de telefone pudemos criar um grupo no aplicativo *WhatsApp,* tornando possível a comunicação com todos/as.

Todo esse movimento tirou os estudantes do IFSC-SJ de suas zonas de conforto, utilizar o espaço sem comprometer-se com ele era a opção mais fácil, porém poderia gerar consequências irreversíveis como a perda do espaço. Podemos, então, determinar essas ações como ações educativas, pois estávamos construindo experiências através de interações e atividades com os estudantes do campus. Segundo Reigota (2012, p.15):

> A educação ambiental como educação política é por princípio: questionadora das certezas absolutas e dogmáticas; é criativa, pois busca desenvolver metodologias e temáticas que possibilitem descobertas e vivências, é inovadora quando relaciona os conteúdos e as temáticas ambientais com a vida cotidiana e estimula o diálogo de conhecimentos científicos étnicos e populares e diferentes manifestações artísticas; e Crítica muito crítica, em relação aos discursos e às práticas que desconsideram a capacidade de discernimento e de intervenção das pessoas e dos grupos independentes e distantes dos dogmas políticos, religiosos, culturais e sociais e da falta de ética.

Complementar a fala de Reigota, Boff (2007, p. 11) afirma que nossa sociedade vive um momento de não-comprometimento, o acesso a informações e meios de consumo cada vez mais facilitado distancia as pessoas do contato, criando uma barreira entre o eu e o outro. De acordo com o autor, a sociedade contemporânea,

> [...] chamada sociedade do conhecimento e da comunicação, está criando, contraditoriamente, cada vez mais incomunicação e solidão entre as pessoas. A Internet pode conectar-nos com milhões de pessoas sem precisarmos encontrar alguém... A relação com a realidade concreta, com seus cheiros, cores, frios, calores, pesos, resistências e contradições é mediada pela imagem virtual que é somente imagem. O pé não sente mais o macio da grama verde. A mão não pega mais um punhado de terra escura. O mundo do virtual criou um novo habitat para o ser humano, caracterizado pelo encapsulamento sobre si mesmo e pela falta do toque, do tato e do contato humano.

Nossas ações, voltadas a uma educação ambiental transformadora, não se preocupavam apenas em manter o espaço e sim em aproximar os estudantes dos diversos cursos do campus àquele local construído coletivamente a partir das necessidades apresentadas por eles mesmos, como prática de educação ambiental. De quê adiantava termos um espaço de integração, sem responsabilidade e cuidado? Por meio do grupo de *WhatsApp* continuamos a manter contato com os estudantes voluntários e percebemos certa melhora no cuidado com os objetos do Relaxa Aí.

Mesmo que os estudantes fossem maioria no campus, também precisávamos afetar os demais integrantes da comunidade educativa. Para isso, durante a reunião de área dos professores de alguns cursos, convidamos todos/as a utilizarem mais o espaço para darem aula, expor trabalhos, desenvolver projetos ou o que mais precisassem. Porém, dos três grupos de professores que teriam reunião naquele período, tivemos o retorno de dois, mas apenas uma reunião foi realizada, no entanto muito receptiva e acolhedora, demonstrando aceitação dos professores com relação ao espaço e as ações que estávamos desenvolvendo.

No início de dezembro, em parceria com estudantes do curso de licenciatura em química, levamos alunos do primeiro ano de uma escola estadual, onde estavam sendo feitos estágios de docência para conhecerem a estrutura do campus. Primeiro eles conheceram o laboratório de química e lá desenvolveram uma atividade proposta por um dos alunos da licenciatura, depois participaram de uma dinâmica envolvendo um jogo criado por um estudante da primeira turma de especialização[7].

O jogo consiste em buscar pelo campus placas com uma sequência de três ícones, cada sequência correta desbloqueia informações sobre o local onde está a placa, como a horta coletiva e o Relaxa Aí. Após incluir os ícones que desbloqueavam as informações de cada espaço os alunos, divididos em grupos, tiveram que comentar ou registrar algo sobre aquele local. Esse jogo foi resultado do trabalho de conclusão de curso do estudante

[7]O jogo pode ser acessado por meio do link: http://jogoea.tk

Humberto Cenachi, orientado pelas professoras Paula Alves de Aguiar e Giselia Antunes Pereira, e possibilita que os novos alunos ou visitantes do campus conheçam um pouco sobre sua história sob o viés das práticas de educação ambiental. Em seguida oferecemos um lanche aos alunos e apresentamos o vídeo produzido pela TV IFSC sobre o Relaxa Aí. Para finalizar os estudantes de química explicaram como funciona a composteira feita a partir de baldes de plástico, doada por eles ao espaço, possibilitando também que os alunos explorassem o Relaxa Aí. Dessa forma continuamos polinizando novos sujeitos com o PCE desenvolvido no início do ano, ampliando as possibilidades de que mais espaços de integração possam surgir a partir de uma educação ambiental transformadora.

Nossos objetivos iam à busca do cuidado e relação de pertencimento dos sujeitos com o campus. Para Boff "Há um descuido e um abandono crescente da sociabilidade nas cidades. A maioria dos habitantes sentem-se desenraizados culturalmente e alienados socialmente. Predomina a sociedade do espetáculo, do simulacro e do entretenimento" (2007, p.19). Com relação ao Relaxa Aí essa foi a sensação inicial que tivemos por parte de alguns estudantes, enquanto alguns estavam dispostos a "colocar a mão na massa", outros nem apareciam nos encontros programados. Carecíamos de um olhar de cuidado para o que havíamos construído para e com os estudantes do IFSC-SJ.

De acordo com Boff, o cuidado resiste ao descuido, "[...] cuidar é mais que um *ato*;é uma *atitude*. Portanto, abrange mais que um *momento* de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma *atitude* de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro" (2007, p.33). O outro nesse contexto não eram apenas sujeitos, mas também lugar. Um lugar que busca reunir pessoas que compartilham do mesmo espaço de forma responsável.

Na reta final do projeto de extensão produzimos placas (imagens 7 e 8) para distribuir pelo espaço, estabelecendo alguns acordos para melhor convivência, conservação e divulgação de informações sobre o histórico do Relaxa Aí. Nessas placas incluímos um breve relato sobre o que é o "Relaxa Aí"? Como surgiu a ideia do "Relaxa Aí"? Quem Fez? Objetivo do espaço; Qual seu dever aqui? Regras de uso da rede? Para quem? Além de fotos do Relaxa Aí pronto e durante sua construção.

Imagem 7 e 8: placas de orientação do Relaxa Aí
Fonte: acervo pessoal (2018)

Passamos, então por mais um período de pausa, as férias. No início de 2019 não tínhamos mais o projeto de extensão, porém algumas ações ainda tiveram de ser tomadas por conta da utilização inadequada do espaço. O IFSC-SJ atende estudantes de diversas faixas etárias, desde adolescentes em idade de Ensino Médio até idosos que cursam a Educação de Jovens e Adultos. Como os cursos de nível médio são oferecidos durante o dia e a maioria dos estudantes não está inserida no mercado de trabalho, os jovens e adolescentes são os que mais frequentam o Relaxa Aí. Fato esse que possibilitou a observação, por parte da direção do campus e corpo docente e técnico, de demonstrações de afeto entre parceiros, ou seja, namoros no conforto do espaço, lixos espalhados e roupas de cama rasgadas.

A direção então solicitou que algumas medidas fossem tomadas para evitar comportamentos inadequados no interior do campus. As professoras Paula Alves de Aguiar e Franciele Drews tomaram frente das iniciativas e sugeriram que fizéssemos um cartaz informando as mudanças que foram feitas por conta do mau uso do espaço. Após o convite de alguns estudantes do campus para participarem desse movimento, as professoras deram inícios às modificações (imagens 9 e 10) que basicamente consistiram em transformar os sofás e bancos, retirada de alguns palletes, limpeza do espaço, troca de alguns objetos de lugar e construção de um mural de recados e manutenção da composteira.

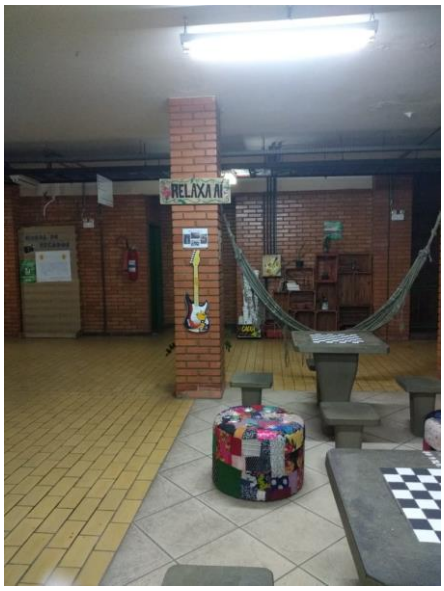

Imagem 9 e 10: Relaxa Aí após as modificações
Fonte: Acervo pessoal (2019)

De forma sutil, algumas mudanças foram feitas. Mas para alguns estudantes do campus, aquilo foi considerado antidemocrático, pois não havíamos feito uma votação para essa tomada de decisão. Colocamos um cartaz no Relaxa Aí com a pergunta: O que você achou da mudança? Nos dias seguintes muitos comentários de insatisfação foram colocados no cartaz, pedindo para que o espaço voltasse a ser como era antes e que essa atitude não condizia com a democracia com a qual o espaço foi construído. Algumas das sugestões dos estudantes foram feitas, posteriormente. As sugestões e manifestações demonstram o quanto os estudantes do IFSC-SJ utilizavam o espaço e se sentiam afetados por ele.

A presença do Relaxa Aí constitui-se como importante para uma educação ambiental transformadora, pois apresenta possibilidades de aprendizagem e convivência social além das salas de aula e laboratórios. O Relaxa Aí não é apenas um lugar para relaxar, mas também um local que possibilita aulas descontraídas, exposição de trabalhos, reuniões, rodas de conversa, apresentações artísticas e outras mais que possam surgir. Em sua constante mudança o Relaxa Aí se adapta aos sujeitos que nele atuam, revelando subjetividades. Frequentes são as participações de estudantes, turmas e professores que em momentos distintos constroem e modificam o espaço. No processo de observação participante foi possível observar, conforme registros no diário de campo, pessoas lendo materiais impressos e digitais, deitadas na rede vendo celular, conversando descontraídos, jogando jogos de tabuleiro, descansando, tendo aulas de diferentes componentes

curriculares, expondo trabalhos, cuidando do espaço, trazendo novos materiais para comporem o espaço, conversando, divulgando e conscientizando sobre a importância daquele local. No entanto é importante ressaltar que estamos lidando com um espaço em constante mudança, inconcluso, em processo de efetivação. Talvez o Relaxa Aí deixe de existir ou pode ser que seja efetivamente integrado ao campus São José.

É possível, então, afirmar que uma comunicação com os sujeitos do IFSC-SJ, principalmente os estudantes de diversos cursos, foi estabelecida e que uma parcela deles pôde compreender e sentir o real significado do Relaxa Aí no IFSC-SJ. Nossa comunicação foi além da divulgação, fazendo com que agora outros possam cuidar e refletir sobre o espaço como seu, sem mesmo ter tido contato com o projeto que o originou, sentindo-se pertencentes. Comunicação essa que pode ser considerada amorosa, afinal

> Comunicação amorosa implica também em investimento, em lançar mão de tempo, de recursos e capacidades para estar junto, buscando coexistência no campo da produção de significações. Assim, representa mais do que não abandono, mas a busca de ações comuns nos fluxos informativos, de tal modo que estas possibilitem a manutenção dos vínculos que vão se estabelecendo. [...] é preciso que se estabeleça um campo de significação, em que os laços intensos vão tramando a relação e garantindo a permanência. (BAPTISTA, 2004, p.5)

Embora não tivéssemos consciência de tal atitude amorosa, doamos nosso tempo e conhecimento, nos dedicando àqueles que não conhecíamos, mas acreditando que, no fim tudo valeria a pena. O espaço Relaxa Aí, a partir de então, marcou a história do IFSC-SJ, deixando marcas que ficarão para sempre na memória de muitos sujeitos, como uma possibilidade real de que a educação ambiental transformadora é possível e essencial para uma formação crítica e atuante. A partir do sentido democrático do espaço e da comunhão presente em todo seu processo de construção, percebemos que, como salienta Freire (1987, p. 39) “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

Considerações Finais

Além de trazer respostas para alguns questionamentos que surgiram após a inauguração do espaço, esta pesquisa deu visibilidade às práticas educativas desenvolvidas no campus, servindo de fonte para futuras pesquisas. Dar visibilidade ao que é feito dentro das instituições de educação é de extrema importância, pois valoriza-

se um espaço educativo e apresentam-se exemplo de ações que podem ser desenvolvidas em outros espaços.

A experiência investigada teve em todo seu processo a articulação entre ensino, pesquisa e extensão, dando solidez aos processos educativos construídos com a comunidade educativa. A integração com outra escola da região, a partir do projeto de extensão, apresentou possibilidades de divulgação e polinização das discussões sobre educação ambiental em outros contextos, além do IFSC-SJ, evidenciando a significativa aproximação entre a universidade e a escola (comunidade interna e externa).

O projeto analisado demonstrou ainda uma articulação entre sujeitos de diferentes cursos (técnicos, graduação e pós-graduação) e servidores do quadro em prol da construção e consolidação de um espaço coletivo e democrático que poderia ser utilizado por todos/as e seria responsabilidade de todos/as que o utilizassem. Conforme registrado neste artigo, a construção do "Relaxa aí" envolveu uma mobilização coletiva, democrática e criativa, em torno da educação ambiental, afetando comportamento e valores dos/as envolvidos/as.

Os estudantes do IFSC-SJ (foco da pesquisa), de certa forma, passaram a apropriar-se definitivamente do espaço. Porém ainda há muito que se fazer e estamos apenas no começo dessa caminhada. Afinal, esse espaço precisa fazer parte da cultura escolar, sendo cuidado, mantido e ressignificado a partir das vivências feitas pela comunidade educativa do campus.

Este estudo apresentou e discutiu um PCE longitudinal, que teve começo, meio e fim, e ao mesmo tempo se encontra inconcluso, com chances de (des)continuidades, mostrando ser possível a simbiose ação-reflexão-ação, contida na práxis pedagógica, etnográfica, dialética e transformadora (por dentro e por fora).

Sair de nossa zona de conforto nem sempre é um caminho fácil e sem espinhos, as discussões de educação ambiental ainda precisam avançar e atingir diferentes locais para que a visão de uma natureza preservada e intocada seja superada. Para Reigota "[...] a natureza conservada não deve ser apresentada como modelo, já que o que existe no cotidiano entre a sociedade e a natureza é uma relação de permanente transformação de ambos" (2012, p.47). Além disso, é preciso apresentar o ser humano como agente pertencente ao meio ambiente em que vive e que suas ações interferem em diferentes níveis desse meio, seja ele social, econômico e, principalmente, ambiental. Pois "os problemas ambientais foram criados por homens e mulheres e deles virão às soluções.

Estas não serão obras de gênios, de políticos ou tecnocratas, mas sim de cidadãos e cidadãs," (REIGOTA, 2012, p.19), como a comunidade educativa do IFSC-SJ.

Concluo essa etapa do trabalho com a certeza de que a polinização está dando brotos. Outras pessoas estão vivendo e reconstruindo o Relaxa aí, trazendo outros significados para o espaço, mas para ele continuar é preciso um processo de educação ambiental contínuo, pois novos sujeitos passarão a utilizar o espaço, precisam ser afetados e conscientizados da importância de sua participação para a manutenção daquele local.

Dentro de mim brotou uma semente, talvez adormecida, que precisava apenas de água e boa terra. Assim como a maioria da população, eu via a educação ambiental como o estudo da natureza, como preservá-la e protegê-la. Hoje entendo que fui educada dessa forma, os livros das escolas não vêm com uma visão de educação ambiental transformadora e aos poucos fui aceitando a condição de predador perante o que eu denominava "natureza", pois dela, na maioria das vezes, tirava apenas meu sustento. O sustento do corpo físico, no entanto o meio ambiente nutre-nos com muito mais do que alimento, oferece novas possibilidades para um recomeço. Hoje vejo a educação ambiental como essencial aos seres humanos, pois ela trata do estudo de ações conscientes para a preservação do nosso futuro e não apenas daquilo que muitos denominam "natureza".

Referências

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo A. de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papirus, 1995, 13 ed. 2007.

BAPTISTA, M. L. C. . Comunicação Amorosidade e Autopoiese. In: XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação/NP -Teorias da Comunicação - **Da Epistemologia (Mesa Redonda)**. Participação como Apresentadora e Expositora, 2004, Porto Alegre, 2004.

BIANCHETTI, Lucídio. Um olhar sobre a diferença: as múltiplas maneiras de olhar e ser olhado e suas decorrências. **Revista brasileira de educação especial**, v. 8, n. 1, p. 1-8, 2002.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar:** ética do humano, compaixão pela terra. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BRÜGGER, Paula. **Educação ou adestramento ambiental**. Florianópolis: Letras Contemporâneas Oficina Editorial,2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HOFFMANN. Erenita. **O sentido de pertencimento no uso da metodologia dos projetos criativos ecoformadores (PCE) no ensino fundamental**. 2019 Dissertação de mestrado. 73 f. Dissertação (Mestrado profissional em educação básica). Universidade Alto do Rio do Peixe (UNIARP).

MIRANDA, Simão Francisco de. Afeto e auto-estima nas relações interativas em início de escolarização. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 13, n. 25, p. 299-310, jul./dez. 2007.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. Premissas teóricas para uma educação ambiental transformadora. **AMBIENTE & EDUCAÇÃO-Revista de Educação Ambiental**, v. 8, n. 1, p. 37-54, 2003.

PARO, Vitor Henrique. Implicações do caráter político da educação para a administração da escola pública. **Educação e Pesquisa**, v. 28, n. 2, p. 11-23, 2002.

PRATTS, Mariana O. **Relações de gênero na educação infantil:** olhares docentes. TCC: UDESC, 2016.

REIGOTA, Marcos. **O que é Educação Ambiental**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

_____. **Meio ambiente e representação social.** São Paulo: Cortez, 2004.

TORRE, Saturnino de la; ZWIEREWICZ, Marlene (Coordenadores). **Uma escola para o século XXI:** escolas criativas e resiliência na educação. Florianópolis: Insular, 2009.

ZWIEREWICZ, Marlene. Formação docente em projetos criativos ecoformadores. **Revista Electrónica de Investigación y Docencia** (REID), nº6, p.99-112, jul2011.